



# ASSIKAI SÉ MIRA SÁ: EXPERIÊNCIA E DESAFIO COM AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS (PINTURA CORPORAL) NO CENTRO CULTURAL KARAPÃNA HETERAKÔ NA ALDEIA INDÍGENA KUANÃ NO RIO CUIEIRAS - AM

Joilson da Silva Paulino <sup>1</sup>  
Luiz Francisco Nogueira de Freitas <sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho de pesquisa, tem como objetivo valorizar a cultura dos indígenas da aldeia Kuanã por meio da metodologia de aprendizagem da língua Nheengatu através da pintura corporal (grafismos), para isso, definiu-se trabalhar numa perspectiva que pudéssemos identificar e classificar as pinturas corporais de acordo com o seu significado e sua utilização, assim como, trabalhar as dimensões da linguagem oral, escrita e artística/corporal através dos grafismos. Buscando critérios que respaldem este trabalho, optou-se pela pesquisa bibliográfica, história oral (ratificando o caráter participante da pesquisa), oficinas pedagógicas que proporcionou a construção coletiva de materiais didáticos pedagógicos, que evidenciaram a diversidade cultural na aldeia indígena Kuanã e a aprendizagem da língua Nheengatu. A pesquisa se fundamentou nos pressupostos teóricos e metodológicos da interculturalidade, por entender que a educação indígena deve se pautar pela sua autonomia, para isso, o seu processo deve ser construído a partir de conhecimentos endógenos, para que a aprendizagem seja significativa.

**Palavras-chave:** Interculturalidade, Língua Nheengatu, Autonomia, Aprendizagem significativa.

## RESUMEN

El presente trabajo de investigación, tiene como objetivo valorar la cultura de los indígenas del pueblo Kuanã a través de la metodología de aprendizaje de la lengua Nheengatu a través de la pintura corporal (grafismos), para ello, se decidió trabajar desde una perspectiva que pudiéramos identificar y clasificar las pinturas corporales según su significado y uso, así como trabajar las dimensiones del lenguaje oral, escrito y artístico/corporal a través del grafismo. Buscando criterios que apoyen este trabajo, optamos por la investigación bibliográfica, la historia oral, (que ratifica el carácter participativo de la investigación), talleres pedagógicos que proporcionó la construcción colectiva de materiales didáticos pedagógicos que que evidenció la diversidad cultural en la aldea indígena Kuanã y el aprendizaje de la lengua Nheengatu. La investigación se basó en los supuestos teóricos y metodológicos de la interculturalidad, por entender que la educación indígena debe guiarse por su autonomía, para ello, su proceso debe construirse a partir de conocimientos endógenos, para que el aprendizaje sea significativo.

**Palabras-clave:** Interculturalidad, Lengua Nheengatu, Autonomía, Aprendizaje significativo.

---

<sup>1</sup> Professor indígena da etnia Karapãna do Centro Cultural Karapãna Heterakô. [indioskarapana@gmail.com](mailto:indioskarapana@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM e pesquisador do laboratório Dabukuri, [luizfreita@yahoo.com.br](mailto:luizfreita@yahoo.com.br);



## INTRODUÇÃO

Um dos aspectos que caracterizam uma educação indígena na sua essência, é a possibilidade da oferta de um ensino capaz de permitir aos estudantes nos mais diferentes níveis de escolarização, um aprendizado que faça sentido às suas necessidades, assim como, o fortalecimento da língua indígena, tanto na oralidade quanto na escrita. E isso, só é possível, a partir de uma metodologia de ensino diferenciada, onde se estabeleça uma ponte entre a vida e o aprendizado.

Assim sendo, o projeto de pesquisa Assikai sé Mira sá (procurado a minha origem), visa retratar todo o processo de aprendizagem utilizado na escola indígena Centro Cultural Karapãna Heterakô<sup>3</sup> localizado na aldeia Kuanã<sup>4</sup>, evidenciando os procedimentos técnicos e metodológicos que se iniciam com as pesquisas e culminam com as práticas de aprendizagem, onde procurou-se fazer uma correlação entre a língua Nheengatu e a Portuguesa. Nesse sentido, procuramos ancorarmos numa proposta pedagógica que valorizasse a cultura, os costumes e os saberes ancestrais de nosso povo.

O Projeto envolveu alunos indígenas do 1º ao 9º ano do ensino fundamental, e contou com a participação dos idosos da comunidade, que são os detentores do conhecimento cultural, ou seja, da cosmologia de seu povo; no total participaram cerca de 30 pessoas de diferentes grupos étnicos como: Karapãna, Baré, Piratapuia, Saterê-Mawé e Baniwa.

A justificativa ao referido projeto de pesquisa, dar-se-á, pelo fato de o mesmo abordar a proposta de uma educação escolar indígena diferenciada, dando ênfase aos aspectos culturais dos indígenas da aldeia Kuanã e a aprendizagem da língua Nheengatu a partir dos grafismos, e, com isso, contribuir para uma educação que se propõe romper com práticas de ensino colonizadoras.

Tendo em vista que, a pesquisa visa contribuir para um estudo efetivo acerca de uma educação para a autonomia fundamentada nos pressupostos da educação intercultural, a mesma tem como objetivo geral, valorizar a cultura dos indígenas da aldeia Kuanã por meio da metodologia de aprendizagem da língua Nheengatu através da pintura corporal (grafismos), e como objetivos específicos identificar e classificar as pinturas corporais de acordo com o seu significado e sua utilização, e trabalhar as dimensões da linguagem oral, escrita e artística/corporal através dos grafismos.

---

<sup>3</sup> Karapãna - Povo indígena que habita o noroeste do Amazonas no alto e médio Rio Negro, Yauareté I e II e Rio Cuieiras. Heterakô - Pássaro na língua Piratapuia.

<sup>4</sup> Guerreiro encantado.



Na busca para realizar um estudo sobre uma educação indígena diferenciada com ênfase na interculturalidade, nos fundamentamos teoricamente em autores que se propuseram trabalhar o tema evidenciando a sua importância para uma educação autônoma em contraposição a uma cultura dominante, ou a prevalência de uma cultura em detrimento de outra. Nesse sentido, nos fundamentamos em Azibeiro (2003) por entender que o diálogo intercultural deve ser pautado pelo respeito e valorando a cultura do outro. Freire (2004) segue esse mesmo pensamento, quando alega que é preciso haver uma relação harmônica e horizontalizada entre duas culturas. Faria (2020) será importante, tendo em vista que em suas análises defende uma educação intercultural para a autonomia dos povos indígenas. Serpa (2011) também corrobora com a pesquisa, pois, a mesma elucida a temática, fazendo uma reflexão sobre a importância de uma escola onde permita que os sujeitos sejam ativos na construção de uma concepção de ensino onde prioriza-se os saberes endógenos.

Assim sendo, a pesquisa visa contribuir para uma discussão sobre uma educação escolar indígena diferenciada, intercultural e autônoma, e com isso, ampliar o conhecimento sobre a temática, objetivando construir uma escola, por, e para os povos indígenas.

## **METODOLOGIA**

Como a pesquisa tem como finalidade valorizar a cultura dos indígenas da aldeia Kuanã por meio da metodologia de aprendizagem da língua Nheengatu através da pintura corporal, o método de abordagem foi o qualitativo, e os sujeitos da pesquisa como: professores, alunos, idosos e os demais indígenas residentes da aldeia, foram essenciais na construção deste trabalho.

Buscando critérios que respaldem esta pesquisa, as técnicas e os instrumentos aplicados foram:

Entrevistas semiabertas com as lideranças indígenas, visando a materialização desses conhecimentos.

Pesquisa em acervos bibliográficos como livros, periódicos, revistas especializadas e artigos.

História oral (ratificando o caráter participante da pesquisa) além de que, esse método se constituiu em importante fonte para compreender o passado.

Oficinas pedagógicas com registros fotográficos, que objetivou na prática, a produção de conhecimentos através da construção coletiva de materiais didáticos pedagógicos que evidenciaram a diversidade cultural na aldeia indígena Kuanã, assim como, contribuiu para a



idealização de uma educação intercultural e uma aprendizagem significativa. Nessas oficinas, as discussões com os estudantes da escola, se pautaram em evidenciar as formas próprias de organização política e social, educação para a autonomia e uma proposta própria de aprendizagem.

## REFERENCIAL TEÓRICO

*“Somos todos iguais ou somos todos diferentes? Queremos ser iguais ou queremos ser diferentes? [...]”* (PERUCCI, 1999, p. 7).

O enunciado acima, nos convida a fazer uma reflexão sobre o ser no mundo, a sua existência enquanto ser cultural, e, nos direciona, a fazer novos questionamentos. O que nos define diferentes dos outros? A diferença nos torna indiferentes? Esses questionamentos podem ser respondidos à luz da interculturalidade, haja vista, que a diferença é entendida pelo viés cultural numa perspectiva em que uma cultura não deve se sobrepor a outra, mas, sobretudo, compreender a importância da diversidade, e nesse sentido, Azibeiro alerta que “ao entendermos as diferenças culturais não como dados, mas como relações de força permanentemente restituídas, cria-se o espaço, o entrelugar, em que preconceitos e estereótipos podem ser desfeitos ou ressignificados” (Azibeiro, 2003, p.96). Em seus diálogos sobre interculturalidade Freire ressaltava sobre a importância de não se impor ao outro, alegando que “não é compreender só a cultura de lá, nem só a cultura de que eu faço parte, mas é sobretudo compreender a relação entre essas duas culturas” (FREIRE, 2004, p.75).

Tendo em vista o exposto, não bastava somente teorizar as discussões, mas sim, partir para o campo das ações, para isso, foi desenvolvida uma proposta metodológica numa perspectiva intercultural na escola indígena Centro Cultural Karapãna Heterakô ancorada nos conhecimentos e saberes endógenos, para tanto, nos respaldamos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB 9.394/96, que destaca em seu artigo 78 *inciso* I, o seguinte: “proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;” (BRASIL, 1996). De certa forma, a LDB reforça uma autonomia educacional aos povos indígenas em contraposição a um modelo assimilacionista. Seguindo esse raciocínio, Faria vai além quando defende “uma concepção intercultural, contra hegemônica na construção dos saberes e registros de epistemologias próprias de suas ciências, valorização da cultura, na prática, aprender fazendo e



aprender a aprender a partir da metodologia da aprendizagem pela pesquisa [...]” (FARIA, 2020, p.207).

A Constituição Federal de 1988, também possibilitou a idealização de uma educação escolar indígena diferenciada, ou seja, a criação de espaços bilíngues, o que de certa forma, do ponto de vista legal, abre espaço para romper com um modelo de ensino ocidentalizado em favor de uma educação para a autonomia. Muito embora o termo intercultural não seja explícito na Constituição, a possibilidade de um ensino ancorado nesse modelo foi assegurado, quando ficou estabelecido que, “o ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem” (BRASIL, art. 210 § 2º, 1988).

Podemos asseverar, que os processos próprios de aprendizagem da escola indígena Karapãna Heterakô, foram construídos e ou recuperados a partir das pesquisas e experiências das narrativas dos próprios indígenas da comunidade, e isso nos remete a enfatizar, que uma aprendizagem significativa deve ser pensada a partir de uma escola que valorize conhecimentos que são pertinentes aos sujeitos no lugar ao qual estão inseridos, assim sendo, corroboramos com Serpa por defender uma escola que:

[...] seja fruto não de um projeto iluminado, de modelos importados, ou de soluções miraculosas. Mas uma escola tecida por uma rede de saberes, onde o aprendizado não seja apenas um objetivo final a ser alcançado, mas o próprio percurso percorrido. Defendo uma escola pensada não para sujeitos, mas pelos sujeitos (SERPA, 2011 p. 154-155).

Resende (2010) acredita numa escola indígena, onde, os próprios indígenas são protagonistas na construção de metodologias educacionais para as suas comunidades. Uma escola indígena autônoma, pressupõe que a mesma esteja voltada para as suas especificidades, onde, professores, estudantes e os comunitários mantenham um diálogo intercultural que priorize conhecimentos internos.

Faria (2020) recomenda uma proposta intercultural para a descolonização do saber, para isso sugere a adoção de metodologias alternativas para desconstruir a visão hegemônica de ciência, de educação e de vida do pensamento ocidental.

Acreditamos que as contribuições de uma educação numa perspectiva intercultural para uma aprendizagem significativa, são fundamentadas em trabalhos realizados por pesquisadores como demonstrados, como também, a partir de práticas educativas e pedagógicas realizadas no Centro Cultural Karapãna Heterakô, que prima por uma educação de respeito ao conhecimento tradicional e a valorização cultural, onde, o educando é sujeito desse processo.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### A IMPLANTAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO DIFERENCIADA NA ALDEIA KUANÃ

A ideia de instituir uma educação diferenciada, sempre foi tema de discussão na aldeia indígena Kuanã, visto que, no espaço da comunidade havia uma edificação onde funcionava a escola municipal Rui Barbosa desde os anos 1990, que sob a jurisdição do município de Novo Airão, adotava o sistema de ensino descontextualizado com a realidade da comunidade.

A partir dos anos 2000, a escola Rui Barbosa passou a fazer parte da jurisdição do município de Manaus, e como a partir de 2002 a discussão em torno de uma educação diferenciada aos povos indígenas começa a fazer parte da pauta da Secretaria Municipal de Educação – SEMED/AM, com o “I Círculo de Palavras - Educação Escolar Indígena: pensando uma escola diferenciada”, o debate para a implementação de uma educação autônoma que priorizasse os saberes endógenos, foi a pauta reivindicatória na comunidade, pois acreditávamos numa educação construída pelos povos indígenas, ou como diz o ditado “nada sobre nós sem nós (UNESCO, 2013).

Apesar das discussões na aldeia Kuanã entre as lideranças indígenas para a efetivação de uma educação não dissociada da realidade local, a metodologia implantada não foi específica, e nem diferenciada. O modelo escolar funcionou em regime multisseriado até o ensino fundamental, e no médio o ensino modulado, ambos com professores não indígenas.

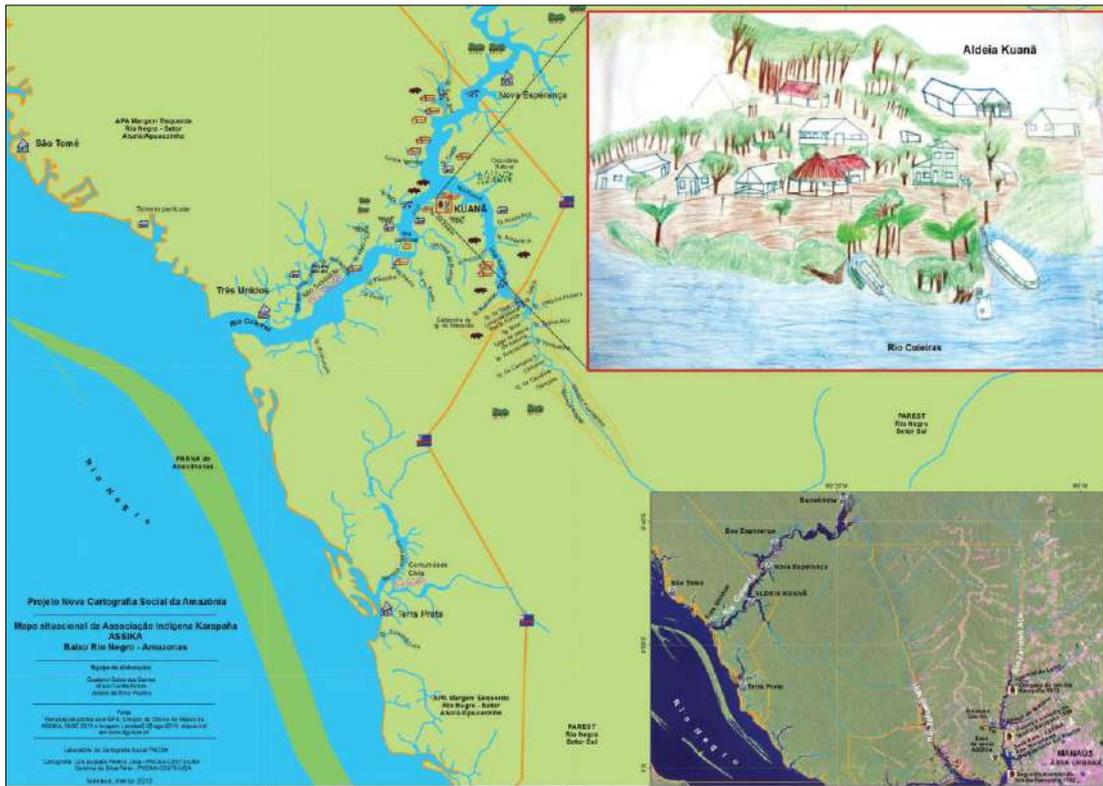
Como a modalidade de ensino não contemplava uma educação diferenciada, em 2012 as lideranças indígenas criaram a escola indígena Karapãna Heterakô numa maloca da aldeia, sendo reconhecida pela SEMED através da Gerencia de Educação Escolar Indígena – GEEI. Esse processo de construção de uma escola visando uma ruptura com uma educação colonizadora, é uma pauta antiga não somente na aldeia Kuanã, mas em todo o país, e uma certa frase escrita por um indígena no I Encontro Nacional dos Professores Indígenas, promovido pelo Conselho Indigenista Missionário – CIMI em 2002 em Luziânia – GO, reflete aquilo que pensamos e buscamos. “Educação é um direito, mas tem que ser do nosso jeito” (I Encontro Nacional dos Professores Indígenas, CIMI, 2002).

Com a implantação da escola indígena, dar-se-á o início da realização do projeto visando alcançar os objetivos propostos, a priori, definiu-se como meta, conscientizar e sensibilizar os educandos sobre a importância de uma educação própria e diferenciada para o fortalecimento da identidade cultural e a aprendizagem da língua Nheengatu na aldeia Kuanã.



A aldeia Kuanã é formada por indígenas das etnias Karapâna, Baré, Piratapuia, Sateré-Mawé e Baniwa, onde residem 10 famílias num total de 45 indígenas, a mesma localiza-se na margem esquerda do rio Cuieiras, baixo rio Negro, área rural do município de Manaus/AM (Mapa 1).

**Mapa 1-** Localização da aldeia Kuanã



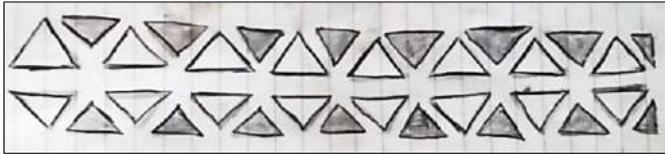
Fonte: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – PNCSA, 2012.

## DA TEORIA À PRÁTICA: A MATERIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Buscando construir uma proposta metodológica de acordo com os objetivos propostos, foram elaborados pelos estudantes sob a coordenação do professor, desenhos ilustrativos dos grafismos em papel madeira e ofício, a partir da história oral relatada pelos idosos (denominados pela comunidade como os sábios). E como a atividade com os grafismos tinha como objetivo valorizar a cultura, assim como a aprendizagem da língua Nheengatu, a proposta foi produzir um material pedagógico bilíngue, para isso, o desenho dos grafismos foram acompanhados da escrita na língua Portuguesa e Nheengatu, retratando o seu significado e a sua utilização. Seguem alguns exemplos.



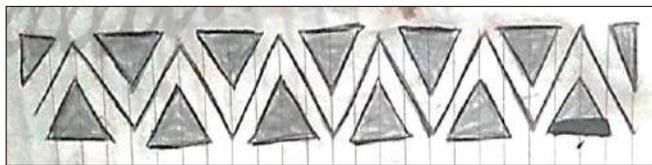
Pinturas para rituais de dança e guerra:



Português - Pintura da onça pintada grande.

Nheengatu – Mupinima yawarate açu sá pura.

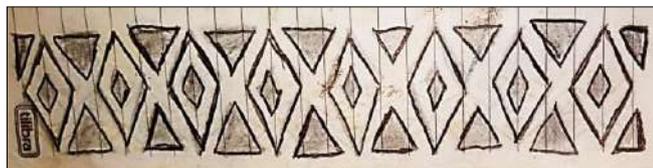
A onça simboliza a força, destreza, rapidez e a coragem.



Português - Pintura da cobra jararaca no corpo.

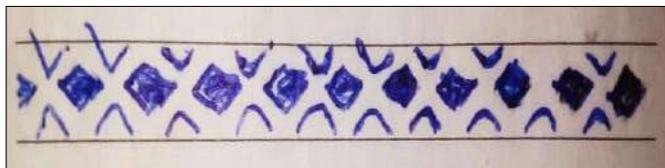
Nheengatu - Buya mupinima yararaca sá hapira pura!

Esse ritual da cobra serve para preparação ou batismo do guerreiro.



Português – Pintura da onça jaguatirica.

Nheengatu – Mupinima yawarate mirin.



Português – Pintura da cobra jiboia.

Nheengatu – Buya mupinima jiboia.



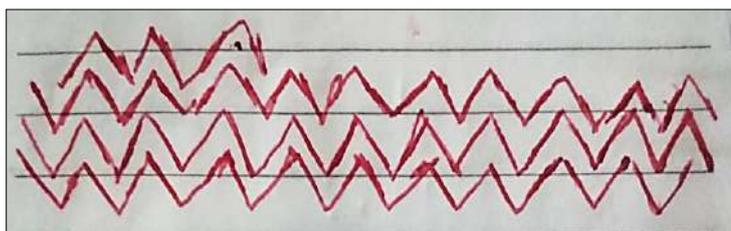
Pinturas para festas cotidianas:



Português - Pintura do paneiro.

Nheengatu - Mupinima sá watura.

A festa do paneiro é em celebração a colheita de produtos como: mandioca, açaí, patauá, bacaba, buriti, macaxeira, moqueado, etc. Ela representa a fartura.

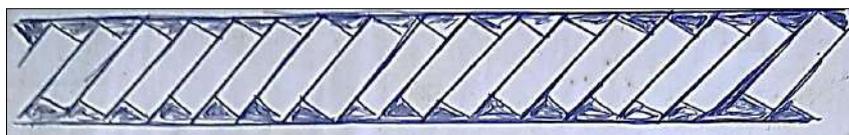


Português – Pintura banzeiro do rio.

Nheengatu – Mupinima sá siriri wá.

O banzeiro representa a força, o caminho e a vida.

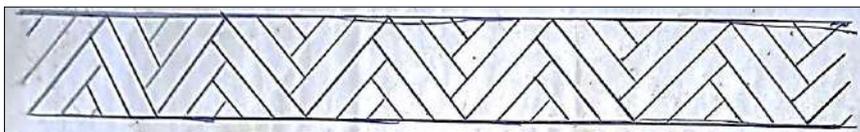
Os exemplos expostos frutos da pesquisa com os idosos da comunidade, evidencia uma diversidade cultural de conhecimentos próprios na aldeia Kuanã, e alguns desses exemplos aqui descritos, tem a sua importância não só do ponto de vista da aprendizagem da língua Nheengatu, como também da preservação da memória. Não obstante, aos exemplos expostos abaixo e a todos os demais produzidos, também foram atribuídos o mesmo procedimento de identificação e classificação. Algumas amostras da diversidade dos grafismos produzidos na escola Karapãna Heterakô.



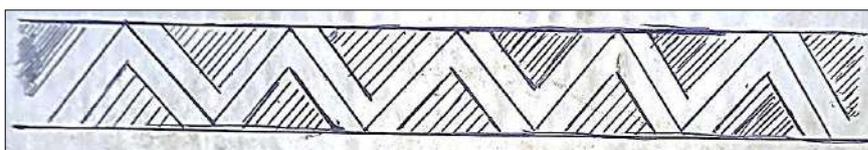
Escama de tatu



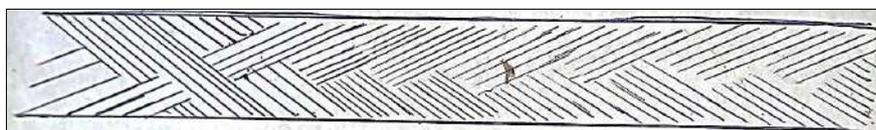
Teçume de balaio



Teçume de Tupé



Cobra Surucucu



Teçume escama do Jara

A partir da produção do conhecimento via pesquisa, pode-se observar, que houve uma interação envolvendo professor, aluno, idosos e todos os residentes da aldeia, e acreditamos que essa interação estimula a aquisição do conhecimento, pois, creditamos numa aprendizagem onde os alunos são sujeitos ativos da construção do conhecimento, e nesse sentido, a pesquisa foi essencial nesse processo, pois, concordamos baseado em Demo (1998) que a pesquisa é o alicerce da educação e que na escola nada deve ser repassado e sim levar o educando aprender a aprender. A partir dessa etapa de identificação e classificação dos grafismos, outras ações visando a aprendizagem da linguagem oral e escrita foram sendo implementadas.

#### APRENDENDO A LÍNGUA NHEENGATU A PARTIR DOS GRAFISMOS

Os grafismos indígenas são repletos de fatos e significados, eles expressam a identidade cultural de um povo, relatam acontecimentos diversos e mostram as relações sociais na aldeia, ou seja, os grafismos são representações simbólicas, e neles contém uma diversidade de sabedorias e conhecimentos que evidenciam a cosmologia de um povo. Para o povo indígena da aldeia Kuanã, a pintura corporal (grafismo) como é um hábito comum e usual, havia uma preocupação com as gerações vindouras, visto que, a proposta de educação ali praticada, era descontextualizada com a realidade local, e, os saberes indígenas eram vistos como irrelevantes.

Dada a importância e o significado que os grafismos tem para os povos indígenas, o acervo produzido na aldeia Kuanã pelos alunos, tinha como objetivo a aprendizagem da língua Nheengatu, para isso, a proposta foi trabalhar as dimensões da linguagem oral e escrita, onde o aluno torna-se sujeito de sua própria aprendizagem, nesse sentido, a pesquisa foi essencial nesse processo, por acreditar naquilo que Faria (2020) pensa enquanto aprendizagem pela pesquisa, onde a mesma critica a prática de ensino, como algo que deve ser ensinado, copiado, padronizado, treinado, adestrado, repetitivo.

Em trabalho de pesquisa realizados por Silva e Freitas (2020) na escola indígena Nusoken,<sup>5</sup> localizada na área urbana de Manaus, relataram estes, uma experiência de aprendizagem da língua materna com os Sateré-Mawé a partir dos instrumentos musicais desse povo, visto que, a linguagem oral e escrita era falada por poucos indígenas da comunidade Waikiru (estrela). A exemplo dos grafismos, cada instrumento musical dos Sateré-Mawé tinha sua história e sua especificidade, assim sendo, foi realizado um trabalho de pesquisa em livros, revistas, e principalmente a utilização da metodologia da história oral, tendo em vista que os idosos da comunidade eram detentores do conhecimento cultural dos Sateré-Mawé. E a posteriori foram produzidos através de oficinas uma diversidade de materiais pedagógicos nessa escola indígena.

O exemplo acima citado, mostra que a produção do conhecimento via pesquisa, ancorado numa proposta intercultural, proporciona uma aprendizagem significativa para os povos indígenas. Desse modo, por acreditar numa educação fundamentada nesses pressupostos, foram realizadas oficinas para a produção de materiais didáticos, assim como a realização de pinturas nas dependências da escola e entorno da aldeia (Figura 1).

**Figura 1** – Oficina para produção de materiais didáticos pelos alunos da aldeia Kuanã



Fonte: Joilson Karapãna, 2014.

<sup>5</sup> Lugar sagrado para os Sateré-Mawé.



A elaboração de material didático bilíngue pelos alunos, proporcionou a estes uma interação com o produto final do conhecimento, facilitando assim a aprendizagem da língua Nheengatu na escrita e na oralidade. Ressalta-se, porém, que esses materiais produzidos sob a orientação do professor pesquisador indígena Joilson da Silva, seguiram todo um cronograma que culminavam com a socialização do conhecimento na escola indígena Karapãna Heterakô.

A adoção da metodologia via pesquisa, foi pensada na escola em detrimento do ensino tradicional que prioriza a repetição, porque acreditamos, que a metodologia via pesquisa, trabalha a autonomia e autoestima dos alunos, cujo reflexo pôde-se observar uma melhor compreensão da língua Nheengatu.

A pintura dos grafismos no corpo dos indígenas, é parte integrante desse processo de uma educação diferenciada, haja vista, que esses procedimentos fazem parte de uma dimensão artística e corporal e são marcas de uma identidade cultural, e para o povo indígena da aldeia Kuanã, os grafismos representam também uma forma de conhecimento e a possibilidade da aprendizagem de uma língua, como também, manter viva a identidade da coletividade na aldeia.

Como a metodologia de aprendizagem a partir dos grafismos envolveu todos os indígenas da aldeia Kuanã, a socialização do conhecimento e da aprendizagem com os residentes, é parte essencial na construção de uma educação intercultural alicerçada na autonomia. A culminância de todo o processo de valorização cultural e da aprendizagem da língua Nheengatu, dar-se-á na escola e nas dependências da aldeia, onde todos os residentes se reúnem. A apresentação da aprendizagem da língua geral é feita pelos alunos em bilíngue, na forma oral e escrita sobre o significado e a utilização de cada grafismo. A dimensão artística e corporal, e feita através da pintura dos grafismos nos alunos a partir da tinta extraída da casca de uma árvore de pequeno porte nativa da região amazônica, denominada Kumatí, e para realçar a coloração da tinha, adiciona a tatapunha (pó de carvão) (Figura 2).

**Figura 2** – Socialização do conhecimento na aldeia Kuanã





Fonte: Joilson Karapãna, 2016.

A aprendizagem da língua Nheengatu utilizando recursos pedagógicos da cultura indígena, vem na contramão de uma proposta de educação formal institucionalizada pelo estado nacional, que, via de regra, desconsidera os conhecimentos indígenas e uma educação intercultural. A metodologia utilizando os grafismos na aldeia Kuanã conforme demonstrado, visa garantir uma aprendizagem significativa para os alunos da escola Karapãna Heterakô, e além do mais, o produto final é o resultado daquilo que pertence ao universo dos indígenas que ali residem, e cujas características refletem uma educação autônoma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por uma educação escolar indígena ancorada nos conhecimentos e saberes endógenos objetivando a valorização da identidade cultural e a aprendizagem da língua Nheengatu através dos grafismos, foi uma metodologia construída coletivamente entre os indígenas da aldeia Kuanã em antítese a uma educação convencional arraigada no pensamento ocidental e destoada da realidade local. O exemplo exposto, emerge num momento onde os povos indígenas buscam descolonizar os conteúdos, e procuram um modelo de educação que priorize outras dimensões, como a interculturalidade.

A educação idealizada na escola indígena Centro Cultural Karapãna Heterakô, se fundamentou numa aprendizagem a partir de epistemes próprias, cuja construção se deu pela pesquisa, envolvendo professor, aluno, idosos e todos os residentes da aldeia, onde a priori, procurou-se registrar o conhecimento para evitar que o mesmo se perca ao logo do tempo. E foi assim, que foram atribuídos aos grafismos indígenas toda uma significação e utilização, e a posteriori, foram produzidos uma diversidade de materiais pedagógicos visando valorizar a cultura e a aprendizagem da língua geral, o Nheengatu, que foi a língua adotada para fazer parte



do universo dos indígenas da aldeia Kuanã, tendo em vista que não há falantes da língua materna.

Podemos assegurar, que a efetivação de uma educação escolar diferenciada na aldeia Kuanã, foi, e continua sendo um desafio, visto que, não há um diálogo simétrico com as entidades educacionais do estado, para a criação de espaços educacionais bilíngues que priorize saberes e memórias históricas e respeite a dinâmica de cada povo indígena, em suma, uma educação para a autonomia.

Apesar de uma educação conforme os parâmetros acima citados sejam assegurados pela LDB 9.394/96 e a Constituição de 1988, contudo, a práxis acerca daquilo que está materializado em lei, ainda encontra resistências por parte de secretarias de educação em âmbito estadual e municipal. Todavia, ainda que uma aprendizagem significativa para os povos indígenas, não faça parte de uma pauta prioritária de governos, é importante salientar, que uma educação culturalmente diferenciada, dar-se-á através da mobilização e organização de todo esse seguimento social, é não menos importante também, serão as ações no campo pedagógico, com a criação de estratégias de ensino no interior das aldeias.

A experiência de uma aprendizagem da língua Nheengatu utilizando as pinturas corporais (grafismos) na escola indígena Centro Cultural Karapãna Heterakô, é uma forma de romper com a colonização do saber ocidental tão arraigada no pensamento educacional brasileiro. Salientamos, que a metodologia utilizando os grafismos, proporcionou aos alunos a aprendizagem da língua Nheengatu na sua forma oral e escrita, como também a valorização cultural do povo indígena da aldeia Kuanã. A valorização cultural é ratificada a partir da socialização de toda produção do conhecimento em forma de apresentação pelos alunos a todos os residentes da aldeia.

Assim sendo, apesar dos desafios inerentes ao pensar e fazer intercultural, acreditamos numa escola indígena autônoma, e isto pressupõe que a mesma esteja voltada para as suas especificidades e priorize os conhecimentos internos.

## REFERÊNCIAS

AZIBEIRO, Nadir Esperança. **Educação intercultural e complexidade: desafios emergentes a partir das relações em comunidades populares**. FLEURI, Reinaldo Matias (org.). **Educação intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 85-107.



BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em 15 jun. 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB.** 9394/1996.

CASANOVAS, Afonso Pe. **NOÇÕES DE LINGUA GERAL OU NHEENGATU.** Diocese de São Gabriel da Cachoeira, 2000.

CEPAL/UNICEF (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe/ Centro Latino-Americano e Caribenho de Demografia (CELADE), **Os Povos Indígenas na América Latina, Documento**, LC/L.3893, Santiago do Chile, 2015. Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL).

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO - CIMI. **Por uma Educação Descolonial e Libertadora: Manifesto sobre a educação escolar indígena no Brasil.** Brasília: Cimi, 2014.

DEMO, P. **Educar pela Pesquisa.** 3 ed. Campinas, SP. Ed. Autores Associados. 1998.

FARIA, Ivani Ferreira de. **APRENDIZAGEM PELA PESQUISA E CURRÍCULO PÓS-FEITO: uma proposta intercultural para descolonização do saber e autonomia dos povos indígenas.** Descolonizando a academia: cruzando os rios da interculturalidade, percorrendo as trilhas do saber para autonomia. Ivani Ferreira de Faria *et al.* – Curitiba: CRV, 2020. 414 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância.** São Paulo: UNESP, 2004.

MANAUS. **Diretrizes Pedagógicas da Educação Escolar Indígena do Município de Manaus.** Secretaria Municipal de Educação – SEMED. Manaus, 2017.

Nova Cartografia Social da Amazônia: **Associação Indígena Karapãna – Assika : rio Cuieiras, Baixo Rio Negro, Amazonas /** Coordenação: Joilson da Silva Paulino, Ana Cláudia M. Tomas, Maria Alice Paulino / Coordenação do projeto: Alfredo Wagner Berno de Almeida. – Manaus / UEA Edições, 2012.

PERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da diferença.** São Paulo: Editora 34, 1999.

REZENDE, Justino Sarmiento. **Escola indígena municipal Utãpinopona - Tuyuka e a construção da identidade Tuyuka.** 2007. 381 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2007.

SERPA, Andrea Albuquerque. **Cultura escolar em movimento: diálogos possíveis.** Rio de Janeiro: Rovel, 2011.

SILVA, Jeane Maria Pereira da; FREITAS, Luiz Francisco Nogueira de: **aprendendo a língua materna a partir dos instrumentos musicais tradicionais do povo Sateré-Mawé.** Descolonizando a academia: cruzando os rios da interculturalidade, percorrendo as trilhas do saber para autonomia. Ivani Ferreira de Faria *et al.* – Curitiba: CRV, 2020. 414 p.